

G

Tradução

9

A verdade inflada – a sátira por Kurt Tucholsky

Georg Wink & Rui Rothe-Neves

Um Berlinense, baixo e gordo, que, armado de uma máquina de escrever, queria impedir uma catástrofe¹

(Erich Kästner)

Não eram bons tempos aqueles para um idealista, mas eram ótimos para a sátira. O autor berlinense Kurt Tucholsky (1890-1935) viveu como estudante o nacionalismo exacerbado e impiedoso do Império Alemão guilhermino (1871-1918); como soldado, as atrocidades da Primeira Guerra Mundial; e, como jornalista, a República de Weimar (1919-1933), que não era mesmo para valer. Foi um regime sempre à sombra dos poderes reacionários e autoritários até a ascensão do Nazismo, compactuada com a burguesia e com os partidos conservadores, que antes se queriam democráticos. O que não faltou foi a mediocridade e a incoerência política generalizadas, um prato feito para a sátira. Nesse artigo, apresentamos brevemente a vida de Kurt Tucholsky, um escritor virtualmente desconhecido no Brasil, caracterizando sua verve satírica. Como exemplo desta, traduzimos «O ser humano» [*Der Mensch*, 1931], em anexo, uma sátira que representa o principal de seu estilo. Com mais de 7 milhões de exemplares de seus livros impressos, obrigatoriamente presente em qualquer cânone literário e amplamente citado em seus aforismos, Tucholsky certamente foi o maior autor satírico alemão até os dias de hoje. Este sucesso extraordinário deve-se à surpreendente atualidade de seus escritos e à sua maestria no gênero da sátira. Nosso objetivo é argumentar que os textos de Tucholsky, tanto os satíricos quanto os «meta-satíricos», para além da literatura alemã, contêm uma espécie de síntese das características do gênero «sátira».

Vida, obra e contexto histórico

Kurt Tucholsky começou como redator de um suplemento humorístico do diário liberal *Berliner Tageblatt* e, em 1924, passou a correspondente parisiense do semanário *Die Weltbühne*, o carro-chefe da esquerda, e do diário *Vossische Zeitung*. Tucholsky foi, à época, um dos escritores mais renomados (e bem remunerados) da República de Weimar.² Em 1926, chegou a chefiar a *Weltbühne* durante algum tempo, mas a impressão causada pelos acontecimentos políticos fez com que se afastasse, deixando a redação para Carl von Ossietzky, autor famoso, que poucos anos depois foi assassinado no primeiro campo de concentração. Em 1929, Tucholsky mudou-se para a Suécia, mas sua produção já se encontrava em declínio. Suicidou-se no dia

¹ Erich Kästner. «Begegnung mit Tucho» In: *Gesammelte Schriften für Erwachsene* [vol. 8], Zürich 1969, p. 197.

² Kurt Tucholsky. «Vita Dr. Tucholsky» [reprodução em facsímile]. In: Heinz Ludwig Arnold. *Kurt Tucholsky* [= Text + Kritik no. 29]. München: edition Text + Kritik 1985, p. 4.

21 de dezembro de 1935, na sua casa em Hindås, perto de Göteborg, na Suécia, com uma overdose de tranquilizantes. A imprensa nazista triunfou: «Foi o mais forte deles, mas mesmo assim se rendeu.»³

Durante três décadas de atividade, Kurt Tucholsky publicou quase 3000 textos, entre crônicas, alguns contos, mais de 800 poemas, *couplets* e *chansons*, relatos de viagem, resenhas sobre obras literárias – por exemplo, sobre Eça de Queirós – e os famosos *Schnipsel* («tiras»), aforismos na tradição de Georg Christoph Lichtenberg, por quem, ao lado de Heinrich Heine, tinha imensa consideração. A maioria de seus textos podem ser considerados como satíricos. Parece tarefa sobrenatural para uma pessoa só e, de fato, Kurt Tucholsky divide-se em vários. «Quem acredita na Alemanha que um escritor político tenha humor? Ou o satírico, seriedade? Ou o brincalhão, conhecimentos do código penal, o cronista urbano, capacidade de escrever versos divertidos? O humor descredita.»⁴ Por isso, inventou uma série de pseudônimos, com preferência para o mundo felino: Peter Panter, Theobald Tiger, Ignaz Wrobel e Kaspar Hauser.



Kurt Tucholsky (1931)

Embora não fosse um militante político – foi membro da dissidência dos social-democratas (USPD) por apenas alguns anos – nada o preocupou mais do que a política. Os textos de Tucholsky deixam transparecer uma rebelião contínua contra o espírito de sua época e poucos escaparam às suas ardentes polêmicas. Seu alvo preferido, sem dúvida, foram os militares – conforme a lenda da «punhalada pelas costas», invictos no campo de batalha e bem protegidos por um militarismo crônico num país desmilitarizado apenas pelas exigências do tratado de Versailles.

Para Tucholsky, que se juntou ao grupo «Pacifistas revolucionários» em 1926, a crítica ao militarismo foi sempre por princípio. Como outros de sua geração, já não podia acreditar em qualquer solução mili-

³ Hans Prescher. «Klagerufe und Prophezeiungen». In: Heinz Ludwig Arnold, *Kurt Tucholsky* [= Text + Kritik no. 29]. München: edition Text + Kritik 1985, p. 75.

⁴ Kurt Tucholsky. *Gesammelte Werke* [vol. 2], Frankfurt/M.: Zweitausendeins 2005, p. 1004.

tar de conflitos. Para ele, a guerra não passava de assassinato privilegiado («Disse assassino? Claro que sim, soldados são assassinos»⁵). Inválida por definição, nada justificaria a guerra. Ao contrário, a infração inicial justificaria plenamente crimes que, em caso de guerra, são severamente punidos até hoje: a deserção e a sabotagem. Da mesma forma, Tucholsky negava a validade de outro princípio, subjacente à prática da guerra, o de «nacionalismo»:

Consideramos a guerra entre estados-nacionais um crime e lutamos contra ele onde podemos, quando podemos e com todos os meios que temos. Somos traidores da nação. Mas traímos um país que negamos em favor de um país que amamos, em favor da paz e de nossa pátria verdadeira: a Europa.⁶

O militarismo e o nacionalismo prussianos da época, ainda bem enraizados no imaginário e nas práticas sociais da República de Weimar, nunca foram contestados por um movimento de massas. Tucholsky reparou bem que estaria sempre fadada ao fracasso qualquer tentativa de prevenir um renascimento sem levar em conta o *spiritus rector* que ainda podia se aproveitar do mito do país humilhado e injustiçado pelos vencedores da Primeira Guerra. As advertências e profecias de Tucholsky, do ponto de vista atual, foram de uma precisão assustadora. Não só previu o começo da Segunda Guerra Mundial, quando, em 1919, após a derrota e a desmilitarização da Alemanha, escreveu no poema «Guerra à guerra» que, ao passarem vinte anos, os canhões seriam novamente acionados.⁷ Descreveu também (em «Carta para um Senhor de qualidade», de 1925) o caminho que ela tomaria: primeiro a anexação da Áustria, depois a ocupação da Tchecoslováquia e, finalmente, o ataque à Polônia; enganou-se apenas quanto ao papel da União Soviética.⁸

Doutorado em direito pela universidade de Jena, Kurt Tucholsky acompanhou com especial atenção a performance partidária dos juízes. Afinal, o judiciário foi uma das estruturas estatais mais reacionárias na República de Weimar. Assassinatos políticos, como os dos comunistas Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, do ministro-presidente socialista da Baviera, Kurt Eisner, e de Gustav Landauer, principal teórico do anarquismo, e, finalmente, do ministro de relações exteriores da República, o democrata Walter Rathenau, mostravam que a justiça estava cega do olho esquerdo. Em muitos casos, os guardiães do Estado de Direito se declaravam abertamente complacentes com os motivos dos acusados. Tucholsky tentou alertar o público para este fato, por meio de múltiplos relatos das sessões dos tribunais, panfletos, programas e sátiras: «Não se trata de má justiça. Não se trata de justiça deficiente. Não se trata é de justiça.»⁹

Na opinião de Tucholsky, todo esse percurso histórico foi possível por causa da formação da burguesia anti-democrática, submissa e cren-te na autoridade, sobretudo quando esta se declarava «apolítica». Nos monólogos de Herr Wendriner, figura criada para ilustrar satiricamente o estado de consciência da burguesia, Tucholsky retrata com maestria a mediocridade da época. Esta não se restringia apenas ao político, mas

⁵ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 3], p. 905.

⁶ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 2], p. 1086. O ditado de Tucholsky causou novamente polêmica nos anos 90, quando a Alemanha unificada voltou a participar de missões guerreiras no exterior. No fim de um demorado processo jurídico, altamente polêmico, o Tribunal Supremo teve que reconhecer a constitucionalidade do direito da declaração pública «Soldados são assassinos».

⁷ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 433.

⁸ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 2], p. 68-69.

⁹ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 1078.

perpetuava um clima geral de intolerância. Contemporâneo de espíritos esclarecidos, como o médico Magnus Hirschfeld, Tucholsky defendia a homossexualidade como opção sexual válida e natural, contra os ataques moralistas e pseudocientíficos, e declarava-se também a favor da emancipação da mulher na sociedade, p.ex. nos contos *Rheinsberg: um livro ilustrado para namorados* e *Castelo de Gripsholm*. Isso a despeito das freqüentes passagens em que brinca com o estereótipo da mulher, mas que, em última instância, sempre são reveladas como irônicas. Para contrariar as convenções da sociedade, Tucholsky foi bastante inovador: querendo incentivar a venda de *Rheinsberg*, abriu durante algumas semanas um «Bar do Livro» no Kurfürstendamm, onde o cliente ganhava como brinde uma dose de destilado ao comprar um livro...

A sátira de Tucholsky

A sátira de Tucholsky, mais do que concentrada na política de direita, dá preferência ao incoerente, ao dissimulado e fingido, ao *Bieder-mann*.¹⁰ Entre as vertentes políticas, o Partido Social-Democrata (SPD) ofereceu-se como alvo fácil. Mesmo com participação no governo, foi o SPD que mais contribuiu para atolar o processo de reivindicação social, ainda existente na revolução de 1918. Naquela ocasião, uma greve de marinheiros e soldados, organizados em comitês (como os *soviets*), precipitou o fim da Primeira Guerra. Sintomático foi o papel do então presidente da República – e até hoje padrão sacrossanto da fundação do partido socialdemocrata: «Pairava, entronado acima de tudo, o presidente Ebert, que descartou suas convicções no mesmo momento em que lhe foi dado realizá-las.»¹¹

A ridicularização através da demonstração de contradições é, sem dúvida, a melhor arma da sátira. Tucholsky chegou a uma maestria temida nesta técnica. Os ataques fingidos, de repente, se dissolvem através dos argumentos para, na conclusão, outra vez mudarem de rumo. O motor, assim declara o autor com a sua típica franqueza, é o ódio: «E se pregasse com língua de anjo e não tivesse o ódio – não seria um satírico.»¹² O satírico, além de um ser que cultiva um profundo ódio, seria um idealista magoado, pois «quer o mundo bom, mas ele é mau, e então ataca o mau.»¹³ Tucholsky em pessoa é um exemplo do esforço de Sísifo, de apontar para o errado, com uma insistência que só o idealista pode ter.

Num texto programático de 1919, «O que é permitido à sátira?», Tucholsky aborda as principais críticas levantadas contra esse gênero textual. A questão, para ele, é que tais críticas não se dirigem às deficiências do gênero, mas às suas principais qualidades. A primeira delas: A Sátira parece negativa, mas é positiva, pois nela o sem-caráter, o sem-consciência se revela mais imediatamente. A outra característica Tucholsky defende com unhas e dentes. A sátira tem de ser tendenciosa, tem de exagerar, porque ela é injusta «na sua essência mais profunda».¹⁴ É mister inflar a verdade para que esta se torne mais evidente. A sátira «não pode funcionar, a não ser segundo o ditado bíblico: Que paguem os justos pelos pecadores.»¹⁵ Isto implica que a sátira é eterna oposição, tem que vir sempre de baixo. «Uma sátira que sugere a firma de créditos de guerra não é uma sátira.»¹⁶

¹⁰ Gottfried Biedermeier foi um personagem de folhetim caracterizado pelo pacato comodismo burguês; por essas características, convencionou-se denominar Biedermeier o período (de esgotamento) literário que vai das guerras napoleônicas aos dias convulsos de março de 1848. *Biedermann*, literalmente, quer dizer «homem de bem».

¹¹ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 1078.

¹² Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 491.

¹³ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 363.

¹⁴ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 363.

¹⁵ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 362.

¹⁶ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 362.

Tucholsky apresenta um argumento pelo direito de generalização da sátira. Em geral, toma-se uma instituição republicana – por exemplo, o Judiciário – como essencialmente boa, já que necessária, ainda que alguns de seus representantes não se comportem condizentemente à imagem institucional. Assim, criticar todos os juízes seria uma generalização indevida. Para Tucholsky, entretanto, dá-se o inverso: a instituição é, em si, ruim ao produzir ou ao menos permitir a atuação de seus maus representantes. Talvez alguns deles sejam, de fato, bons, mas são a exceção. Criticar a instituição, entretanto, não causará dano a esses, pois aqueles indivíduos que tiverem sua consciência limpa não precisam se importar, basta agir correspondentemente e contra o *mainstream* institucional. Assim, a malícia de difamar seus representantes para atingir a instituição – por exemplo, os juízes no lugar do Judiciário – não seria apenas permitida, ela seria fundamental, desde que sincera. Chega o autor à conclusão surpreendente: «O que pode a sátira? Tudo.»¹⁷

O texto em anexo, “O ser humano”, condensa essas opiniões na medida em que enfoca características atemporais do ser humano. Publicado pela primeira vez em 16/06/1931, no semanário *Die Weltbühne*, o texto consiste em uma série de aforismos sobre o ser humano, cada qual dedicado a uma de suas principais características, sejam elas como espécie, como indivíduo, como gênero ou como agrupamento social. Ressaltam aqui dois paradoxos apenas aparentes, se contrastados com outros exemplos da obra de Tucholsky. Em primeiro lugar, Tucholsky refere-se à mulher, “que não consegue” pensar e, com isso, refere-se certamente à condição subalterna da mulher na sociedade da época, seja a proletária, que não o consegue por estar sufocada por inúmeras outras atribuições (ou atribuições), seja a burguesa, envolvida com futilidades. Depois, refere-se ao patriotismo como o ódio contra o próprio “amontoado” de gente. Ora, por definição, patriotismo está mais relacionado ao ódio contra os “outros”, mas, para Tucholsky, a pátria é a Europa. Assim, patriotismo – o amor à pátria alemã – seria o ódio contra si mesmo como europeu.

Para além da sátira

Tucholsky não se limitou à sátira, escrita sempre – supostamente – para deleite do leitor liberal, favorecido, apesar de tudo, pela situação política e econômica. Fez constantemente propostas, muito construtivas e concretas e na maior parte pouco conhecidas, reivindicando a democratização da administração pública, a libertação do ensino da doutrinação nacionalista, a reforma do judiciário e do exército monarquistas, aposentando os que usam seu cargo para trabalhar deliberadamente contra a República. Dirigiu-se ao proletariado por meio de poemas, escritos para serem cantados, com uma mensagem revolucionária nada camuflada. Esta «arte tendenciosa» foi pensada como didática e visava esclarecer politicamente e instigar à ação.

Em *Não reparam nada?* (1922), por exemplo, Tucholsky mostra, com uma fala bem popular, como, simbioticamente, as indústrias e o governo contribuem para o aumento da inflação, com a finalidade de

¹⁷ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 364. Recentemente, em 2005, o veredito de Tucholsky sofreu uma relativização pública. Após a publicação de caricaturas sob o título «A cara de Maomé» no diário dinamarquês *Jyllands Posten*, que provocaram uma forte reação popular em vários países do Oriente Médio, houve quem – da esquerda à direita – postulasse que a sátira teria um limite, que não poderia invadir a esfera dos altos sentimentos religiosos, *ergo*, que a sátira «não podia tudo». Porém, Tucholsky nunca teria chamado de *sátiras* as caricaturas de um diário explicitamente de direita, publicados num país governado por um partido de direita e durante um debate xenofóbico, com a intenção de atacar a minoria subalterna de estrangeiros de confissão islâmica através da ridicularização de atentados suicidas de extremistas, pois nada tem a ver com a definição proposta por ele. As caricaturas seriam, para ele, apenas uma «boa piada política», pois este dom não seria privilégio de classe alguma. «Mas a sátira nunca é da autoridade, nunca de quem quer preservar o *status quo*, quer impor o respeito» (Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 1], p. 492).

quitar as dívidas e os pagamentos de reparação da guerra, sem se preocupar com a queda do poder aquisitivo da classe menos favorecida – pela qual a imprensa responsabiliza a incompetência da «República». Na canção *Caridade burguesa* (1928), interrompe a lista das proezas beneficentes – implantação de casas de repouso para trabalhadores («até se lhes permite passear no jardim»), assistência médica durante a gravidez («pois precisam da prole») e a disposição de caixões «sociais» com o refrão «Bom, este é o troco. / Mas onde está o dinheiro?» Segue-se uma conclamação de lutar para a conquista desta dívida – a apropriação de latifúndios, minas e fábricas.¹⁸

Para a agitação política, entretanto, Tucholsky via outro meio como mais adequado do que o texto rimado: a imagem. Nos ensaios «A fotografia tendenciosa» (1925) e «Uma imagem diz mais do que mil palavras» (1926), chama a atenção para o poder esclarecedor e convincente da imagem.¹⁹ De fácil compreensão para todos, de autenticidade, que na época ainda não foi duvidosa, como hoje duvidamos da manipulação de imagens, em contraposição com outras imagens e munidos de um comentário satírico, a fotografia documentária seria mais eficiente do que qualquer texto. E lamenta que o uso da imagem para os fins da luta de classes seria ainda pouco aproveitado: «Por que dentre os comunistas ninguém tenta lutar em união com os fotógrafos?»²⁰ Em 1929 tentou, com o livro «Alemanha, Alemanha, acima de tudo», um tal projeto semiótico, usando fotografias do arquivo da *Arbeiter Illustrierte Zeitung*, que mostram cenas da cruel realidade proletária, com as condições de trabalho e mutilações devidas a acidentes, em montagem contrastiva, feita por John Heartfield (pseudônimo de Wieland Herzfelde), com retratos de militares, juizes, professores, representantes do clero e da burguesia. Segundo Tucholsky, a fotografia documentária consciente seria apenas superada pela imagem animada. Criticou incessantemente a incapacidade dos revolucionários de utilizar o novo meio do cinema – «a bíblia dos nossos tempos» – para politizá-lo, um processo que começou justamente naqueles anos a se desenvolver com os filmes de Sergei Eisenstein e, logo depois, na Alemanha, com os de Phil Jutzi e Slátan Dudow.²¹ Porém, mesmo sem animação, a composição polêmica de Tucholsky de alguma forma já tem algo de cinematográfico, pois lembra demais o cinema atual, divertido e provocador, de Michael Moore. Tucholsky não chegou a viver o pior. Quem cobriu a época do nazismo através de montagens fotográficas foi o jornalista e fotógrafo Stefan Lorant, que conseguiu se refugiar no Reino Unido após meio ano na prisão e cujo percurso imagético em «Sieg Heil!» retoma o projeto começado por Tucholsky e inclui nele o universo bizarro da sociedade do «Terceiro Reich».

«Alemanha, Alemanha, acima de tudo» foi, segundo Tucholsky, o «balanço final» de seu trabalho. Ganhou, porém, um outro significado, terrível e não imaginado pelo autor, antecipando simbolicamente o final da República de Weimar.²² Os próprios nazistas, que Tucholsky sempre atacou indiretamente, como fruto de uma sociedade autoritária e não como sedutor da sociedade, estes nazistas não

¹⁸ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 3], p. 311.

¹⁹ Anton Kaes. «Tucholsky und die Deutschen». In: Heinz Ludwig Arnold, *op.cit.*, p. 16.

²⁰ Kurt Tucholsky. *op.cit.* [vol. 2], p. 107.

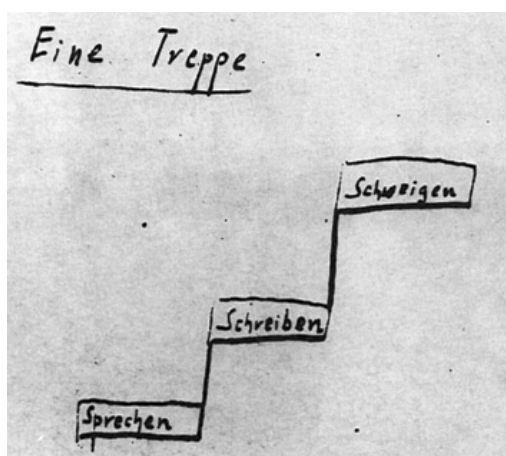
²¹ Kurt Tucholsky. *op.cit.* [vol. 2], p. 107. Kurt Tucholsky. *Briefe 1913-1935*, Frankfurt/M.: Zweitausendeins 2005, p. 131. «O encorajado Potemkin» estreou em 1925, aparentemente sem ser percebido por Tucholsky, «Mutter Krausens Fahrt ins Glück» em 1929 e «Kuhle Wampe» em 1932. Tucholsky, nestes anos, já estava a caminho de exílio na Suécia e retirado do processo político.

²² Kurt Tucholsky. *Op.cit.*, p. 131.

só condenaram o livro, como era previsível, mas também o aplaudiram, agradecendo a cobertura na destruição do Estado Republicano. O jornal *Der National-Sozialist* resumiu em uma frase o problema: «E o proleta fecha o livro e diz: e agora? Agora não é para chegar o futuro? E um futuro novo, mas totalmente diferente?»²³ Tucholsky custou a criticar os nazistas, sem nunca deixar dúvidas sobre sua opinião: «A sátira também tem um limite para baixo. Na Alemanha, por exemplo, os poderes fascistas dominantes. Não vale a pena – é impossível atirar para tão baixo.»²⁴ Se então se tornara impossível criticar a podridão da República, sem prestar um serviço involuntário aos nazistas, a sátira morreu. Tucholsky, que pedantemente colecionou qualquer comentário de jornal sobre seus textos, fechou a pasta de recortes sobre o livro com o comentário «tout passé». O satírico, também com a saúde abalada e tendo que se submeter a várias cirurgias no aparelho respiratório, resignou-se.

Em 1933, de posse do poder executivo quase ilimitado, concedido com os votos dos partidos de centro, os nacional-socialistas proibiram a publicação da *Weltbühne*, encerrando o principal meio de publicação de Tucholsky. Na queima dos livros, do dia 10 de maio de 1933, os livros do «sem-pátria» de esquerda e, na lógica nazista, de ascendência judaica foram considerados com destaque ao lado dos de Karl Marx, Sigmund Freud, Heinrich Mann e Erich Kästner. A partir deste momento, Tucholsky não publicou mais nenhuma linha e escreveu para seu amigo, o escritor Walter Hasenclever: «Que o nosso mundo na Alemanha parou de existir, não preciso lhe informar. E por isso: Vou fechar o focinho, por enquanto. Não se apita contra um oceano.»²⁵ Não sentia mais nem ódio, nem idealismo, apenas desdém, e este não incentiva o satírico.

O último trabalho conhecido de Tucholsky já não é um texto e sim um esboço, uma escada que leva do degrau «falar» pelo degrau «escrever» ao «calar». E assim, ironicamente, se encerra a carreira do autor que um dia disse: «Todas as coisas têm dois lados – o satírico só vê um lado e só quer ver um lado. (...) Sua posição é prescrita: nada mais pode, Deus o ajude. Amém.»



²³ Anton Kaes. *Op.cit.*, p. 22.

²⁴ Kurt Tucholsky. *Op.cit.* [vol. 3], p. 1029.

²⁵ Kurt Tucholsky. *Op.cit.*, p. 251.

Referências bibliográficas

- KAES, Anton. «Tucholsky und die Deutschen». In: Heinz Ludwig Arnold. *Kurt Tucholsky* [= Text + Kritik no. 29]. München: edition Text + Kritik 1985, p. 12-23.
- KÄSTNER, Erich. «Begegnung mit Tucho» In: *Gesammelte Schriften für Erwachsene* [vol. 8], Zürich 1969, p. 187-199.
- PRESCHER, Hans. «Klagerufe und Prophezeiungen ». In: Heinz Ludwig Arnold, *Kurt Tucholsky* [= Text + Kritik no. 29]. München: edition Text + Kritik 1985, p. 65-75.
- TUCHOLSKY, Kurt. «Vita Dr. Tucholsky» [reprodução em facsímile]. In: Heinz Ludwig Arnold. *Kurt Tucholsky* [= Text + Kritik no. 29]. München: edition Text + Kritik 1985, p. 3-7.
- TUCHOLSKY, Kurt. *Gesammelte Werke* [vol. 1-3]. Frankfurt/M.: Zweitausendeins 2005.
- TUCHOLSKY, Kurt. *Briefe 1913-1935*. Frankfurt/M.: Zweitausendeins 2005.